



Por uma práxis feminina: experiências de um grupo de orientação para uma ciência outra

Élida Santos Ribeiro^{1*}; Brenda Iolanda Silva do Nascimento²; Ariela Cardoso da Silva³; Fernanda Antunes Gomes da Costa⁴

¹ Mestranda em Educação em Ciências e Saúde – NUTES/UFRJ; ² Mestranda em Educação em Ciências e Saúde – NUTES/UFRJ; ³ Mestranda em Educação em Ciências e Saúde – NUTES/UFRJ; ⁴ Professora Doutora da UFRJ – Macaé e do NUTES/UFRJ

*elidasribeiro@gmail.com

Resumo

O presente texto é um relato de práticas de um grupo de orientação e trabalho de uma Universidade pública situada na cidade de Macaé. Refletem-se, aqui, os encontros semanais desse grupo majoritariamente feminino de pesquisadoras – contando com quatro mestrandas, um mestrando e uma orientadora – em trabalho remoto devido ao contexto pandêmico. Objetivamos, com este relato, salientar a importância de práticas acadêmicas que proporcionem debates horizontais e socialmente críticos, que incorporem subjetividades e afetações dos sujeitos envolvidos, assim como contribuir no fomento das mesmas, na direção de uma educação como prática da liberdade. Foi possível, ao longo do texto, relacionar a escolha das autoras e dos autores estudados pelo grupo – e o formato dialógico e participativo dos encontros – com uma práxis potencialmente emancipatória, aberta às insurgências da realidade. Assim, abrem-se brechas e caminhos para as necessárias aproximações da pesquisa com a prática pedagógica, na direção da produção de uma ciência outra.

Palavras-Chave: Práticas dialógicas. Ensino superior. bell hooks.

Introdução

A crise dos meios de produção do sistema capitalista coloca em evidência a precarização da vida e do trabalho humano, principalmente, em países do Sul Global como o Brasil (BRAGA, 2014). Seus efeitos, traduzidos em desequilíbrios ambientais, aumento da pobreza e acentuação das desigualdades sociais, nos convidam a repensar o projeto de sociedade atual que se coloca como insustentável (STENGERS; ARAÚJO, 2015). Isso fica bastante acentuado com a chegada do novo coronavírus no Brasil onde, diante da crise política/econômica/sanitária instaurada, demonstram-se, de forma concreta, os abismos existentes entre as relações de gênero, raça e classe estruturadas no tecido social (MACEDO; ORNELLAS; BOMFIM, 2020).

Nesse sentido, Paulo Freire em *Pedagogia da autonomia* (2006), nos apresenta reflexões acerca do papel da educação frente ao mundo globalizado e capitalista. Para o autor, a educação não só promove o espaço para que as problematizações da realidade venham à tona, mas também promove vias de humanização. A partir da leitura de mundo de pessoas oprimidas, o autor nos chama a atenção para o compromisso ético da educação para a superação das desigualdades e a promoção da consciência crítica entre os indivíduos.



Em consonância com o pensamento de Paulo Freire, a autora e intelectual negra bell hooks, em *Ensinando a Transgredir* (2013), pontua que os espaços universitários e escolares acabam, muitas vezes, reproduzindo estruturas de dominação como o racismo e o sexismo –, corroborando para que esses espaços sejam competitivos, individualistas e de natureza pouco dialógica. Entretanto, ao resgatar o pensamento de Paulo Freire em diálogo com suas experiências de vida, a autora reafirma a importância de uma educação como prática da liberdade, a fim de ressignificar esses espaços e a produção de conhecimento.

Sendo assim, partindo do atual contexto social, em diálogo com as reflexões de autores como Paulo Freire (2006), bell hooks (2013), entre outros, o presente texto tem como objetivo relatar a experiência de um grupo de orientação para pensar o campo da Educação em Ciências e Saúde. Esse grupo buscar construir uma agenda de pesquisa que seja fruto da experiência dialógica e engajada às problemáticas apontadas.

Metodologia ou Materiais e Métodos

As reuniões do referido grupo de orientação ocorrem uma vez por semana, com duração média de duas horas, tendo iniciado no dia 19 de março de 2020, em continuidade durante o término desse artigo. Nos encontros, são discutidos textos escolhidos com uma semana de antecedência, sempre ligados à temática da educação, na perspectiva de realizar a construção coletiva de uma compreensão crítica do momento atual e sua relação com as desigualdades de gênero e de raça. A pergunta: “em que isso afeta sua pesquisa?” nas incitações (bem)vindas da orientadora permeia e conduz os encontros. Em cada encontro, as mestrandas e o mestrando são convidados a compartilhar os atravessamentos que o texto proposto lhes produz, incorporando vivências, afetações e subjetividades à pesquisa realizada, abrindo possibilidades outras de se pensar e fazer ciência.

As conversas sempre estimulam um olhar analítico frente aos ambientes sociais em que as(os) participantes se encontram e nos quais foram historicamente constituídos. Esses encontros de realidades individuais e coletivas, trazidas ao centro da conversa, cooperam para diferentes problematizações e construções de diálogos plurais para se pensar o contexto social e sua relação com o campo da Educação em Ciências e Saúde. Nesse sentido, o diálogo é aberto ao conflito, para que não se converta num diálogo ingênuo acerca da realidade (FREIRE, 2013). As discussões não se esgotam nos debates, mas objetivam a construção de pesquisas e de pesquisadoras(es) engajados. À medida em que as discussões se desenvolvem, o grupo torna-se um espaço horizontal, plural e aberto às subjetividades das(os) envolvidas(os), tornando-se uma experiência aprazível e edificante às autoras do presente relato.

A criticidade presente é tributária das autoras e autores estudados, que balizaram todas as discussões. Foram analisadas importantes obras de mulheres negras, tais como: os contos *Olhos d'água* (2018) e *Maria* (2018), de Conceição Evaristo, lemos e discutimos diversos trechos do livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019), de Grada Kilomba, além do livro *Ensinando a Transgredir* (2013), de bell hooks, sobre o qual nos debruçamos continuamente. Também nos dedicamos ao livro *Educação e Mudança* (2013), de Paulo Freire, entendendo esse autor fundamental para a compreensão e superação das opressões diversas numa perspectiva educacional. Essas obras não foram escolhidas ao acaso, mas a partir de



um encaminhamento do grupo sobre a necessidade de dar a atenção merecida às obras e vozes de mulheres que foram silenciadas durante muito tempo por uma sociedade racista-colonialista-patriarcal que é evidenciada em nosso contexto pandêmico atual.

Somos capturados/as em uma ordem violenta colonial. Nesse sentido, a academia não é um espaço neutro e nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a. (KILOMBA, 2019, p. 51)

O ambiente universitário ainda se encontra imbuído do pensamento hegemônico dominante e apresenta suas austeridades e resistências às possíveis transformações que insistem em forçar seus muros. A partir dessa consciência do grupo sobre o ambiente que o rodeia, que as discussões encaminhadas são de suma importância para dar voz e envolvimento em pesquisas que tragam holofote às esferas sociais subjugadas durante longos anos. Essa discussão só será focalizada a partir do nascimento de um olhar crítico e da criação de ambientes de troca potentes e intimamente ligados ao mundo que nos cerca e às realidades nele presentes. Devemos ser sujeitos da nossa própria educação e não objetos dela (FREIRE, 2013).

Resultados e discussão

Ensinar de um jeito que proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo.

(HOOKS, 2013, p. 25)

Esses encontros semanais de orientação nos conduzem por caminhos onde encontramos frente a frente as autoras e autores com que estávamos trabalhando. Estas e estes não se isolavam em algum lugar teórico distante, mas entravam em nossa práxis de pesquisadoras chamando por nossas colocações ativas, chamando pela incorporação de nossas vivências e sentires. bell hooks (2013) reaviva em nós a necessidade da integralidade do processo de aprendizagem, em que o crescimento não só intelectual, mas afetivo e espiritual das educandas e educandos, compõem o ato de educar. Ao basear-se apenas em transmissão de informações e conceitos, a aprendizagem esvazia-se.

Ao longo de meus muitos anos como aluna e professora, fui inspirada sobretudo por aqueles professores que tiveram coragem de transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado como uma rotina de linha de produção. Esses professores se aproximam dos alunos com a vontade e o desejo de responder ao ser único de cada um, mesmo que a situação não permita o pleno surgimento de uma relação baseada no reconhecimento mútuo. Por outro lado, a possibilidade desse reconhecimento está sempre presente. (HOOKS, 2013, p. 25)

Essa relação de aproximação educador-educandos não se restringe a tornar mais agradáveis ou amigáveis os encontros: ela tem um propósito pedagógico claro, na direção de uma educação transformadora. Quando, durante as rodas de discussão dos encontros de pesquisa sobre determinado texto, éramos provocadas a refletir sobre que implicações em nossas escolhas como pesquisadoras e pesquisadores aquele texto evocava, fazíamos as devidas alianças da teoria com a prática. Essa



busca de integrar teoria e prática produz engajamento – é um compromisso da educação como prática da liberdade.

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolavelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso. (FREIRE, 2013, p. 12)

Como pesquisadoras de um programa de mestrado em Educação e Saúde, podemos, através dessa práxis, seguir rumo à necessária superação da dissociação entre a pesquisa e a prática pedagógica. Esse encontro com as autoras e autores no grupo de orientação é uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que permeia de teoria e reflexão a nossa prática, também leva de volta nossas vivências e aspirações para o momento da pesquisa. É uma prática, de fato, dialógica. Não apenas *falamos sobre práxis, diálogo e construção coletiva*, mas vivenciamos essas categorias semanalmente, experimentando no aqui e agora esse fazer pedagógico-científico.

Conclusão

A partir da experiência relatada, podemos vivenciar o processo pedagógico-científico que emerge de diálogos plurais e horizontais tecidas pelo grupo. Ao priorizar obras de mulheres, especialmente de mulheres negras, potencializamos a incursão desses discursos na pesquisa acadêmica e, por extensão, na sociedade. As afetações provocadas em nós, pesquisadoras, culminam não só para se pensar em agendas de pesquisas comprometidas, mas também, para a valorização de nossas subjetividades nesse processo, tornando-o legitimamente feminino e promovendo, assim, a possibilidade para a construção de uma ciência outra.

Referências

- BRAGA, Ruy. Precariado e sindicalismo no Sul global. **Revista Outubro**, n. 22, p. 35-61, 2014.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro :Pallas Míni, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- . **Educação e mudança**. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- HOOKS, bel. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ed. WMF Martins fontes, 2013, cap. 1.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. 1º ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MACEDO, Y. M.; ORNELLAS, J. L.; BOMFIM, H. F. DO. COVID – 19 NO BRASIL: o que se espera para população subalternizada? **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, v. 2, n. 0, p. 01–10, 1 jan. 2020.
- STENGERS, I.; ARAÚJO, E. **No Tempo das Catástrofes**. Edição: 1ª ed. [s.l.] Cosac & Naify, 2015.